

TINGUI: UM CAPÍTULO DAS JUVENILIDADES DE DALTON TREVISAN

Cassiana Lacerda Carollo

Universidade Federal do Paraná

RESUMO

O presente artigo analisa o periódico *Tingui*, que circulou em Curitiba, no período de março de 1940 a dezembro de 1943. Destacando a contribuição de seu diretor e fundador, Dalton Trevisan, o estudo orienta-se para as colaborações que permitem evidenciar o ideário do pequeno jornal de estudantes, sua relação com um dado momento da cultura local, as ressonâncias de inquietações mais amplas e, em especial, o surgimento de temas que apontam para questões que preparam o surgimento da revista *Joaquim*, fundada pelo mesmo diretor em 1946.

A exemplo da revista *Joaquim* (1946-8), o pequeno jornal *Tingui*, que circulou em Curitiba, de março de 1940 a dezembro de 1943, constitui um repositório fundamental de informações sobre uma etapa da produção de Dalton Trevisan.

Nascido de uma iniciativa de ginasianos, *Tingui* surgiu no mesmo clima de *O Livro*¹, fundado em 1939, por Roberto Barroso, *A Palavra*, de 1935, fundado por José Cury, ambos jornais de estudantes.

Portanto, participando das inquietações de um momento o periódico de ginasianos fundado por Dalton Trevisan, é documento de interesse para reconhecimento do contexto em que surgiu, além de constituir-se em fonte para compreensão da relação de seu diretor com as chamadas idéias de provín-

1 *O Livro*, revista de estudantes, circulou no ano de 1939 com este sub-título até o n.º 9 de outubro do mesmo ano. Foi fundada por Roberto Borroso e tinha como gerente José Cury e secretário Estevan Cubata. Divulgava textos de estudantes e de escritores já renomados, aspecto do qual difere de *Tingui*. A segunda fase de *O Livro* foi como revista de turfe, para ressurgir em 1945, dirigida por José Cury, como revista literária. Conforme colaboradores da revista, a prática da manutenção do nome de periódicos era um expediente comum diante das dificuldades de registro impostas pelo DIP. Cabe observar que os números de 1939 registram "Dalton Jerson Trevisan" entre os seus colaboradores.

cia, já tratadas com o ar irreverente que anuncia o polêmico "Emiliano, poeta mediocre", publicado em *Joaquim*.

Assim considerada, a leitura de *Tinguí* é um exercício que está longe de ser situado a partir do interesse pela arqueologia dos possíveis pecados juvenis de Dalton Trevisan.

Sua importância situa-se na possibilidade de acompanhar um processo de amadurecimento a partir das dúvidas de início de carreira, para contribuir com novos indicativos que permitam recompor a gênese de um processo de relação com o texto e com as questões literárias.

A despeito da preocupação do contista em reduzir ao esquecimento tais experiências, o que pode ser acompanhado no zelo com que nega as primeiras versões de seus contos, tal postura, plenamente aceita se considerado o cuidado do escritor em oferecer a melhor posição de leitura, não pode resultar em censura prévia.

A revista *Joaquim*, pelos textos e ilustrações que divulgou, pelas polêmicas que promoveu já tem seu lugar devidamente assegurado na literatura brasileira, e, dificilmente pode ser considerada uma experiência episódica na obra de Dalton Trevisan.

No entanto, percorrer a trajetória do diretor de *Joaquim*, seguramente é tarefa que não permite ignorar sua atividade anterior, à frente do "órgão de ginásianos".

Tinguí que nasceu como "órgão de ginásistas", e assim circulou até o número 15-16 de dezembro de 1940, veio atender "aos anseios estudantis" orientados para "a literatura moça", ao lado de preocupações idealistas próprias da idade de seus colaboradores, ligadas "às lutas sagradas da pátria".

Na mesma ordem de idéias, o nome do jornal reflete impregnações paranistas, explicadas através de um texto de Romário Martins, reproduzido no primeiro número, típicas do momento atravessado pelos estudantes. Impresso pelo Centro Literário Humberto de Campos, "o centro dos ginásistas intelectuais", e só aceitando colaboração de seus sócios, o pequeno jornal era publicado graças ao patrocínio de anunciantes e dos filiados do Centro.

Daí porque, a partir do número 2 passe a contar com a colaboração efetiva de Antonio Walger, na qualidade de diretor-chefe e, posteriormente, de diretor-gerente, atuando como responsável pela parte administrativo-financeira do jornal, viabilizando este aspecto graças aos anúncios e contribuições, atividade similar àquela que desempenhará em *Joaquim*, ainda que nesta época apareça também como poeta, contista e cronista.

A redação, ao longo dos 42 números, funcionou na rua Emiliano Perneta 476, local onde serão realizadas as reuniões dominicais do Centro Cultural General Rondon (Cenáculo General Rondon), associação da qual *Tingui* será órgão a partir do número 26 (outubro de 1941), quando inicia a sua terceira fase.²

Isto porque a partir do número 19-20 (fev.-março de 1941), coincidindo com o fim do curso ginásial, o jornal deixa de ser “órgão de ginastas”, e como “jornal de estudantes” assinala a passagem de seus colaboradores do Colégio Iguazu para o Colégio Estadual, onde frequentarão o Curso Complementar.

Tais alterações permitem dividir a experiência de *Tingui* em três fases. A primeira, quando era “órgão de ginastas”, editado pelo Centro Literário Humberto de Campos, a segunda quando passa a ser “órgão livre dos estudantes” (N.º 19-25), em ambas as fases guardando o mesmo tratamento gráfico e as dimensões de 23/31 cm e, finalmente, a fase em que passa a ser “Jornal do Estudante”, órgão do Departamento Artístico do Centro Cultural General Rondon, isto a partir do número 26, quando altera-se a apresentação e o formato passa a ser de 33/47 cm.³

Ainda na última fase merecem referência a inclusão da epígrafe “Ao vencedor as batatas” (a partir n.º 28) e a passagem para “Mensário de Cultura”, nos seis últimos números.

Mesmo enfrentando dificuldades, como indicam os constantes apelos para novas contribuições de associados e anúncios, muitos deles de empresas ligadas à família de colaboradores e diretores, como é o caso da Vidraçaria Trevisan, o jornal não deixa de incluir desenhos, fotos, o que aponta para o gosto pela ilustração de textos.

A exemplo de *Joaquim*, o pequeno jornal promoveu edições de obras de Dalton Trevisan, nesta época mais preocupado com a divulgação de suas poesias, apesar de *Tingui*

2 Durante seus quase 3 anos de existência, *Tingui* teve como diretor Dalton Trevisan. Participaram da direção: Antonio Teolindo, como diretor-responsável (n.º 1 — n.º 8/9), Antonio Walger, alternando o cargo de redator-chefe, secretário, para fixar-se como gerente do n.º 9 até o n.º 42. A partir do n.º 26, ao lado dos nomes de Dalton Trevisan e Antonio Walger, figura a participação de Newton Guimarães, como responsável, posição que ocupará até o n.º 35, quando será substituído por Raul Viana. Os nomes de Donato Kulich, como sub-secretário (n.º 35) e Tarcilo Gazire, como secretário (n.º 36) assinalam outras contribuições esporádicas. O corpo de redatores vem anunciado a partir do n.º 36 e inclui: Hilton Dálzio Trevisan, Euro Brandão (desenhista), Egberto Maia Luz, Mário G. de Mello Leitão. Os dois últimos números alteram a indicação dos colaboradores: Euro Brandão figura como desenhista e inclui o nome de Odacir Beltrão.

3 A periodicidade será mensal, apesar de recorrer ao expediente de números duplos, com 8 páginas. O preço do exemplar avulso, \$ 300 reis, será mantido sem alterações.

haver anunciado a edição de *Contos inacabados*, *Sombras na sombra*, *A pensão* e de novas poesias *Rimas pobres* e *Carmes*, obras das quais divulgou excertos.

As edições de *Sonetos tristes*, de 1941, e, posteriormente, de *Visos*, no mesmo ano, foram patrocinadas por *Tinguí* e distribuídas aos seus assinantes, apoiando a conclusão de que o primeiro livro substitui o número 17-18 (janeiro de 1941), hipótese reforçada pela anotação manuscrita nos exemplares doados à Biblioteca Pública do Paraná.

Além da distribuição dirigida, bem ao gosto de Dalton Trevisan, que adotará o mesmo critério para as chamadas "edições de cordel" e para os exemplares de *Joaquim*, os livros podiam ser solicitados à redação ou encontrados na banca do Sr. Jorge Dall'Igna, na Rua XV, onde também eram vendidos os números atrasados.

Percebe-se através das informações de ordem editorial que *Tinguí*, mesmo tendo sido uma experiência de adolescentes, já traz a marca de opções que identificam o futuro diretor de *Joaquim*.

É o caso da distribuição dirigida e da independência mantidas graças ao patrocínio de assinantes e anunciantes (quando Antonio Walger desempenha o papel de gerente, das edições próprias), da valorização das ilustrações de textos⁴, da figura centralizadora do diretor, acumulando a redação e desenvolvendo a maior parte das iniciativas, da promoção de reuniões culturais na redação, enfim, de atividades que pudessem desenvolver a formação do gosto dos leitores, para o que contribuem os comentários de livros, as críticas, os concursos de texto de criação, crítica e tradução.

Já em *Tinguí* aparece a figura do diretor assumindo grande número de encargos, pois a partir do número 15-6 todos os artigos não assinados passam a ser de sua responsabilidade.

Deste modo Dalton Trevisan vai figurar como redator, repórter (a partir de 1943 acumulando estas atividades no *Diário da Tarde*), crítico, cronista além, naturalmente, de ocupar o espaço de poeta e contista "oficial", colaborando também com os pseudônimos de Notlad, De Alencar, Don Nada, Faminto, Rapaz.

⁴ Mesmo que as ilustrações tenham sido em pequeno número e apoiadas em recursos gráficos precários, o jornal chega a incluir um trabalho de Viaro, parte da premiação do concurso de contos. Este prêmio foi talvez o primeiro recebido por Dalton Trevisan, vencedor com o texto "Trapo", assinado por De Alencar. Neste concurso, em que se inscreveram 17 concorrentes, Dalton ainda participou com mais dois textos assinados por Faminto e D. Nada. Os concursos, além de atraírem colaboradores e contribuírem para a formação do público não escondem o tom de blague como no caso dos temas: "O estudante que não tem n.º 300, não é bom estudante? Por que?", ou "Se você fosse um editor publicaria o texto "Obsessão", de Dalton Trevisan?

A evolução das idéias do jornal permite constatar que cada vez mais os estudantes vão abandonando a postura inicial de ginásianos deslumbrados com o apoio de nomes de prestígio na província e com a divulgação diletante de suas produções, para refletirem novas preocupações decorrentes do que se poderia considerar o prenúncio de uma inquietação irreverente, fruto de uma visão crítica em relação ao pensamento oficial.

Os primeiros sinais desta inquietação ocorrem com o fim do curso ginásial, quando Dalton Trevisan divulga seu discurso de formatura,⁵ aparentemente não lido na solenidade devido às críticas violentas ao sistema educacional. Este tema que passa a ser uma das bandeiras do jornal,⁶ e, ao qual ligam-se outros editoriais e artigos, chegou a alcançar certa repercussão, pelo que atestam cartas e artigos de apoio.

Porém não será apenas a crítica à precariedade do ensino que motivará os jovens de *Tinguí*. A questão do nacionalismo, da participação individual, dos valores culturais ocupará lugar de destaque. Neste sentido são reveladores os textos "Brasil, país grande" (peça em um ato), "Duas glórias nacionais", o último criticando a valorização excessiva do futebol e de Carmem Miranda, "Um deus aprisionado", sobre a prisão de Monteiro Lobato, todos de autoria de Dalton Trevisan.

Porém, *Tinguí* terá também os seus mestres, como é o caso de Rodrigo Jr.⁷ poeta e prosador conhecido como incentivador de novos talentos, sobre quem serão publicados textos elogiosos comentando suas obras ou enfatizando o significado de suas opiniões. A Rodrigo Jr. Dalton Trevisan dedicará o texto de abertura de *Sonetos tristes* e comentará também a obra *Flâmulas ao vento*, reforçando sua admiração em entrevista publicada no número 28.

Outros escritores também serão alvo de referências elogiosas como é o caso de Machado de Assis, citado na epígrafe

5 "Eu acuso", publicado no n.º 10/11.

6 "Carta aberta" (n.º 6), "Lutemos" (n.º 4), "Si juvenus vellet" (n.º 12/13), "Eduquemos os pais e os mestres" (n.º 15).

7 Rodrigo Jr. (João Batista de Carvalho Oliveira. 1887-1964) dirigiu suplementos literários, pesquisou a produção literária local, tendo publicado com A. Plaisant a *Antologia paranaense*. Entre seus livros em prosa e poesia destacam-se *Estrela d'Alva*, *Torre de Babel*, *Sonatinas amorosas*, *Juvenília*, *Palavras Leve-as o Vento*, *Sonetos à Minha Terra*, *Flâmulas ao Vento*, etc. Sua extraordinária capacidade de atrair amigos: reuniu ao seu redor várias gerações de literatos, havendo quem considere como sua atividade mais importante a orientação de jovens, apesar do tom antiquado que não consegue esconder, mesmo tratando de temas da atualidade. Sua casa era ponto de encontro obrigatório onde desfilarão jovens de todas as idades. O velho casarão da rua Marechal Deodoro era por isso conhecido e ali Rodrigo Jr. recebeu escritores por mais de 50 anos, "na semi penumbra da ampla sala com móveis de palhinha." Rodrigo Jr. por esta razão incentivou jovens como "Helena Kolody e Dalton Trevisan que levavam-lhe suas poesias para ouvir a crítica amena ou austera."

do jornal, além, naturalmente, de Humberto de Campos, homenageado com o nome do centro estudantil.

No entanto, a “descoberta” de Érico Veríssimo por Dalton Trevisan é tema de uma crônica pitoresca sobre suas leituras e discussões literárias. Nesta crônica assinada por Dom Nada, são narradas impressões de leituras, quando termina de ler *As Três Marias* de Rachel de Queirós, que considera uma “droga” e inicia a leitura de *Saga* de Veríssimo, por indicação do funcionário da sala de leituras da Biblioteca Pública:

“Li ainda naquela tarde, cerca de trinta páginas. Não gostei. (...) O fato foi este: comecei não gostando de *Saga*. O ambiente ou o que, o fato não se discute.

Meses depois numa confeitaria conversávamos eu e dois amigos. Literatura. Um deles, berrou raioso:

— O Érico é uma mula! O Viana Moog, sim... *Saga* é droga!

E apenas por espírito de contradição, estava eu, no dia seguinte, na Biblioteca.

E comecei a ler novamente. (...) Após as três primeiras partes, cujas denominações são baseadas em trechos da 3.^a e 5.^a Sinfonia de Beethoven, — eu achava, entre outras coisas: 1.^o Érico Veríssimo é um dos maiores romancistas brasileiros, se não o maior presentemente; 2.^o Mula é quem disse. Espero ler por estes dias, *Um rio imita o Reno* e então verei a quem cabe a carapuça; 3.^o Em *Saga* não reconheci o dr. Eugênio de *Olhai os lírios do campo* é um ser humano, o de *Saga* é uma sombra; 4.^o Certas reações de Vasco, não se explicam absolutamente; 6.^o Nesta obra nota-se a influência de *China velha China*, ou *A boa terra* de Pearl S. Buck; 7.^o Não interessa.

O romance é um bom romance. Os personagens em sua maioria, são admiravelmente humanos. Parece até que os conhecemos...⁸

Guido Viaro é, por sua vez, o artista plástico que provoca maiores exclamações de admiração, fazendo anunciar o papel que terá em *Joaquim*, como representante da arte de ruptura em oposição ao academicismo local. É ele um dos anunciantes do jornal, que desde seus primeiros números di-

8 Tinguí, Curitiba, 2(22):3, maio 1941.

vulga as aulas ministradas no atelier do pintor. Viaro também prestigia as iniciativas de *Tinguí* ilustrando o texto premiado do concurso de contos, quando o texto "Trapo" de Dalton Trevisan será o vencedor.

No entanto, será na entrevista "O artista, sente, geme e clama com a humanidade"⁹ que o entrevistador, Dalton Trevisan, não poupará elogios a Viaro, classificando-o como "um dos maiores evocadores de nossas paisagens e tipos", "um eterno enamorado do Paraná", enfatizando especialmente "o caráter social que imprime às suas figuras".

A conversa, no atelier da Praça Zacarias, é precedida de uma verdadeira síntese do pensamento do futuro autor de "Viaro hé! e... Abaixo Andersen", que já percebe na pintura do mestre o desprezo pelas "virtuosidades e farsas da convenção", admirando a linguagem "eloqüente e pitoresca do pintor". As questões propostas permitem a ênfase à defesa de uma arte que despreza os motivos e dirige as cores pela emoção e pelo entusiasmo, que despreza o belo puro e volta-se para a beleza interior, e, através de figuras "até desparatadas", traduzindo a voz de uma revolta íntima, que passa a ter função quando ensina a ver ao mesmo tempo que dá ao artista o permanente sentimento de insatisfação criadora.

Tais conceitos são reveladores de posturas que aproximarão Dalton Trevisan da arte de Viaro e estimularão uma crescente admiração, constantemente referenciada através da citação de postulações estéticas do pintor reproduzidas entre os pensamentos divulgados em *Tinguí*.

Intui-se desta aproximação que será Viaro o mestre inspirador de uma arte moderna a ser defendida em *Joaquim*, cabendo a Rodrigo Jr. um papel de incentivador da produção inicial do então poeta, sem que tenha exercido um tipo de influência com ressonâncias mais profundas.

Isto porque cada vez mais Dalton Trevisan passa a concentrar suas preocupações na crítica ao modernismo, entendido como apelo aos procedimentos fáceis de linguagem como o mal uso do verso livre, o coloquialismo, os efeitos paronomásicos, além da repelida inconsequência do poemapiada. Tal crítica que ainda não encontra uma solução numa proposta poética, até pelo contrário, resulta numa poesia pasadista em termos de linguagem e de motivações (baladas ao pinheiro, sonetos de retratos femininos, poemas de cavaleiros andantes etc.), vem acompanhada de uma preocupação

9 A citada entrevista também será publicada no *Diário da Tarde*, de 22 jan. 1943, pois o diretor de *Tinguí* também era repórter e redator do citado jornal. Em *Tinguí* será divulgada no n.º 37, de jan. 1943.

que acentua-se nos últimos números quando volta-se para o ataque ao provincianismo, ao oficialismo passadista da literatura local.

Nesta ordem de idéias, é sintomático o artigo de combate aos chamados valores consagrados, "O maior cabotino da literatura brasileira", publicado no número 41, onde ataca os falsos gênios da literatura brasileira cujo prestígio decorre de certas poses e estratégias. Este artigo, o mais irreverente na crítica dos chamados monstros sagrados desmistifica Catulo da Paixão Cearense, tomado como exemplo de vícios do comportamento oficial, acompanha o espírito das notas de humor e irreverência das crônicas de Faminto, os comentários de livros sempre interessados numa leitura nova de autores prestigiados e na sátira aos provincianismos.

Esta postura que prepara o espírito de desmistificação de 46 não passou despercebida, a exemplo de Clóvis Ramallete de *Vamos ler!*, que não deixa de observar na iniciativa dos jovens estudantes de *Tinguí* "a irreverência, sonho, mocidade, combate humanitário".¹⁰

Mas, serão os "Instantâneos de província" os textos mais representativos do aludido espírito que acentua-se nos dois últimos números, anunciadores da futura "profilaxia" de *Joaquim*.

Em "Percevejos, pulgas e sapos", Dalton Trevisan vai atacar os três tipos de beletristas locais.

O percevejo "de uma repelente asquerosidade viscosa são os literatecos maledicentes, intangíveis nas pusilânimes roupagens do anonimato, a difamar, cochichantes, urinando nos pedestais das estátuas, mas que fogem à primeira bofetada da luz da verdade..."

O outro espécime:

"Os apadrinhados, parasitas nos plumitivos bafejados da notoriedade, recolhem as migalhas da fama esquiva. Hábeis em obter apresentações e referências, estão infalivelmente recordados em notas de aniversários pelos jornais dos amigos. Não mordem, mordiscam... Não vivem, vivejam... a sugar a pletora dos verdadeiros talentos, de rastos a locupletar-se com sobejos banquetes alheios... São os intelectuais pulgos da província."

¹⁰ *Tinguí*, Curitiba, 4(42):1, set./dez. 1943.

E finalmente a “saparia cocha dos modernistas”:

“Bajulantes, arrastam-se pelos atascais, mergulhados ventres nas águas da mediocridade, a entoar o hino das mútuaslouvaminhas, entufados de bronca e insulsa vaidade! (...)

Em límpidas noites, plenas de claridade, é um desvairio de hosanas e panegíricos entre a saparia. Todos se afirmam filhos espúrios dos deuses, eleitos dos fados, descobridores do Brasil. Um, enfezadinho, declama com enfática melopéia: “Tinha um boi no meio do prado...”

Outro, dois círculos escuros em torno aos olhitos, escandindo as sílabas em toada soporífica, geme: “eu quero a estrela da tarde...”

Os demais se perdem em onomatopéias macumbeiras, imitação barata da casa nada além de cinco cruzeiros...”

E os batráquios tripudiam sobre os lodaçais, saciados, dorsos úmidos rebrilhando a lua, a coaxar:

ACHEI A LUA,
A LUA,
A LUA ACHEI,
ACHEI A LUA,
ACHEI...

Incansáveis, eurecam durante noites sem fim. Tudo por causa do reflexo das estrelas mortíferas no espelho das águas nigérrimas...

Com seus percevejos, pulgas e os anfíbios verborrágicos, assim é a província de Itambete, perdida lá nos fundões paranaenses...¹¹

Já o “Instantâneo da Província” — “O Poeta” trata dos “poetas que abundam entre os pinheirais, quais cogumelos sob a chuva”, ironizando estes espécimes anti-diluvianos satiriza sua sensibilidade mórbida, na paródia “Desgosto de nefelibata”. Porém, o que realmente não perdona é o descompromisso de suas poesias:

“Afugentando-os da vida, o rude contato do cotidiano era chocante e desvirilizador. Desambientados, inspiram-se na sordícia das mansardas, a compor fêminos diálogos da lua, das fadas, e das margaridas olorosas dos jardins das princesas encan-

11 Tinguí, Curitiba. 3(42):2. set./dez. 1943.

tadas... Concluíam enfim, descambando aos gozos solitários.

Opunham a idéia do amor à idéia da mulher. Pudera! Ao invés de uma Greta Garbo, tão meiga, das irresistíveis crises hemópticas, as hercúleas e embigodadas roceiras de avental sujo...¹²

Tais críticas, além de apontarem para uma opção de ruptura com os salões oficiais da província, são sintomáticas para encaminhar uma possível conceituação de poesia que mistura o compromisso do cotidiano com a crítica às facilidades do modernismo porém, encontra solução numa proposta mal resolvida, onde destaca-se a opção de gosto classicizante.

São inúmeras as passagens em que Dalton Trevisan, em críticas, crônicas, polêmicas, deixa clara esta opção anti-modernista, a exemplo da defesa de seus *Sonetos tristes*, acusados de antiquados. É quando dirá: "A minha inspiração busco-a na Hélade antiga, na natureza, em Pã".

Nas constantes referências ao modernismo, deixa clara sua repulsa às facilidades formais e ao distanciamento da realidade dos homens para revelar um conceito de missão do poeta marcada pela marginalidade social e pela repulsa à sociedade burguesa. Estas inquietações do poeta de 16 anos vêm tematizadas também nos contos onde as personagens centrais são sofrendores poetas.

É o caso da personagem do texto "Engano", "anêmico mancebo, não obstante poeta", cuja triste experiência já vem anunciada no início do texto: "quem não quiser chorar evite este conto", que narra a história do poeta cuja namorada acaba fugindo com "um rapaz modernista".

As preocupações do jovem diretor não ficam, no entanto, restritas à "defesa da poesia como grito hululante de revolta" preocupam-no, em especial o cuidado com a língua, e o desleixo dos "modernistas" com suas discrepâncias sintáticas, "calão sórdido" etc. Estes temas são retomados nas críticas e leituras, quando aconselha os jovens "a lerem os clássicos e familiarizarem-se com eles, onde acharão a fineza da forma".

Porém o escritor de 16 anos com suas baladas aos pinheiros e canções de cavaleiros andantes, comete também o pecado dos versos imperfeitos e, sem dúvida, não encontra na poesia as soluções para os temas que debate.

12 Tinguí, Curitiba. 4(42):6, set./dez. 1943.

Ainda assim, *Visos*, que hoje soam como ingênuas composições de adolescente causaram escândalo, a exemplo de um leitor inconformado da *Gazeta do Povo* que proclama ser Dalton Trevisan “um dos vates mais imorais da língua portuguesa”, “um pervertedor da mocidade”.

Já os textos em prosa, mesmo considerada a condição dos dezesseis anos do autor, merecem outra ordem de interesse, pelas opções temáticas e soluções estruturais.

Nestes primeiros textos evidencia-se, a opção pela narrativa na primeira pessoa, o sentimento do “gauche na vida”, da personagem à margem da existência, confirmando a sensação de uma das primeiras crônicas: “nasci, e desde já errado como sou agora”.

Ainda que estes primeiros textos estejam longe do domínio técnico e da concisão que marcam o futuro contista, denunciando o descompasso da reiteração de sentimentos óbvios, da perspectiva romântica da existência, uma série de opções já anunciam o autor do *Vampiro de Curitiba*.

É o gosto pela exploração de sentimentos mórbidos, pelo privilégio do herói marginal, é a tendência à zoomorfização caracterizando o processo de degradação das personagens.

As futuras batalhas domésticas dos Joãos e das Marias, alternando sua condição de carrasco e de vítima já despontam no conto “Obsessão”, onde é narrada a reação de um humilde funcionário público tomado de um processo de “delirium geniorum”. O pacato personagem, abandona sua timidez mórbida, e impelido pela “explosão do gênio” reage contra o medo das pessoas que o levava a esconder-se num canto: surra o alemão açougueiro, ataca de machão autoritário, exige ser servido pela mulher completamente atônita. É o escritor genial quem dá as ordens agora. Passada a explosão, fechado no quarto, diante do pedaço de papel o herói é novamente assaltado pela impotência. Encolhido, desarmado, nada mais resta ao frustrado escritor do que atender prontamente à primeira ordem da mulher.

Reminiscências machadianas à parte, um dado que salta os olhos é a perspectiva do humorista explorando o recurso do narrador explícito fazendo constantes referências ao leitor, à estrutura da narrativa etc. Outro conjunto de textos formado por “Vingança”, “Tipo curioso”, “Sombra nas sombras” tem em comum a personagem central o artista irrealizado e profundamente marcado por sua marginalidade.

O tipo curioso é marcado por “um complexo de inferioridade que pressentia o inimigo à espreita”, a personagem de “Sombras na sombra” vive a loucura de escrever “o gran-

de romance dos vencidos, dos miseráveis cujas ilusões todas feneceram e cujos sonhos não se concretizam” e que narra “a belera horrível das paisagens humanas, o riso bêbado de lágrimas, o hino dos fracassados”.

Dáí o desfilar de crianças miseráveis, mães solteiras, fracassados, leprosos, revoltados, escritores incompreendidos debatendo-se contra os males da sociedade burguesa.

As preferências do jovem contista por determinado tipo de universo onde circulam personagens à margem da vida não passou despercebida de leitores chocados que dirigem-se à *Gazeta do Povo* fazendo referências ao caráter “porno-gráfico” (sic) e aos “contos malucos” de Dalton Trevisan, que por sua vez, diz dar “por bem pago” por tais classificações.

No entanto, se os contos são reveladores das inquietações iniciais do escritor, é num discurso do estudante que encontraremos uma verdadeira “profissão de fé”, embutida no que o orador entendia como missão do advogado, entendido como aquele “que resolve as pústulas medonhas de toda a miséria social, crimes incestos, mesquinharias, traições, — a disputa febril do estômago e do sexo”¹³ e completa dizendo que o médico e o teólogo interessam-se pelo homem em sua fraqueza e imbecilidade enquanto o advogado busca o homem em sua maldade.

Se na advocacia Dalton Trevisan parece não haver realizado as aspirações do estudante de direito, não seriam seus contos a busca de resposta para aquelas inquietações?

As preocupações do jovem escritor podem, ainda, ser perseguidas nas crônicas de Faminto e Dom Nada, o primeiro criticando tipos e costumes, comentando lançamentos dos cinemas e proclamando sua preferência pelo cine “Imperial porque é mais escuro”.

Ficam ainda as leituras, as críticas cheias de blague e as proclamações definitivas do pensador Notlad: “Não há mais dúvida nenhuma sobre o assunto. A mulher ideal é a de 30 anos (balzaquiana para os intelectuais)” ou “O adultério é nojento (principalmente pela parte da mulher). Tem gosto de bagoço de laranja”.

Como Dalton Trevisan previu no “Adeus”, *Tinguí* foi um “momento da consciência do moço do Paraná”. Ali os estudantes discutiram as suas “graves” questões defenderam seu idealismo nos assuntos ligados ao ensino, política etc. Na

13 Discurso por ocasião da churrascada de confraternidade, entre alunos e professores da segunda série do pré-jurídico... dia 15 de nov. 1942. *Tinguí*, 3(36): 1, dez. 1942.

promoção de debates, sobre questões literárias e artísticas também *Tinguí* traz as mascas próprias da idade de seus colaboradores.

Porém quando morreu *Tinguí* não era apenas um sonho que acabava. Era a crítica e a irreverência que despertava como nova posição de luta.

As batalhas estudantis canalizam-se no programa do PAPP (Partido Acadêmico Progressista do Paraná) e a batalha mais ampla com o meio cultural provinciano com seus mitos consagrados apenas começara.

Eia, TINGUÍ, que a morte se avizinha...
Bebe a cicuta, em falta de cachaça,
e qual Petrônio, que um esgar transpassa,
morre e clama que Nero foi poetinha...

Morre, como Anagreonte, em fátua orgia,
na volúpia dos últimos momentos
desfiando versos rútilos aos ventos
— audaz nas próprias vascas da agonia...

Descrevendo remígios de um alcione
paira sobre as minhocas, longe e mudo,
rugindo às fauces do burguês pansudo
a espoucar da palavra de Cambrone...

E antes do teu mergulho no silêncio
ri sem disfarces, da comédia humana,
fazendo cócegas à gente insana,
pateando o burocrático Fulgêncio...

Morre pois, das galhofas ao bramido,
a ouvir teus funerais em rimas gáias,
e explodindo, às escâncaras, em vaias
— fantasma alegre de outro ideal perdido!¹⁴

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 TINGUÍ, Curitiba, v. 1-4, n. 1-42, mar. 1940 — dez. 1943.

14 *Tinguí*, Curitiba, 4(42):1, set./dez. 1943.